

Coro e Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu
Gautier Capuçon



31 jan + 01 fev 2019



Orquestra Gulbenkian

31 JANEIRO
QUINTA

21:00 — Grande Auditório

01 FEVEREIRO
SEXTA

19:00 — Grande Auditório

Coro Gulbenkian Orquestra Gulbenkian Hannu Lintu Maestro Gautier Capuçon Violoncelo

Antonín Dvořák

Concerto para Violoncelo e Orquestra,
em Si menor, op. 104

Allegro
Adagio ma non troppo
Finale: Allegro moderato

INTERVALO

Magnus Lindberg

*Triunfo de existir... **

Triunfo de existir...
Paisagem no ocaso
Redemoinho da demência
Os planetas
Revanche
Campo de luz
O cortejo do futuro

Alexander Borodin

Danças Polovtsianas, com coro

Duração total prevista: c. 2h
Intervalo de 20 min.

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



* Estreia em Portugal. Encomenda conjunta da Fundação Calouste Gulbenkian, com a London Philharmonic Orchestra, a Orchestre nationale de Lille e a Orquestra Sinfónica da Rádio Finlandesa.

O concerto de 31 de janeiro está incluído na programação *La Nuit des Idées 2019*





Antonín Dvořák

Nelahozeves, 8 de setembro de 1841
Praga, 1 de maio de 1904

Concerto para Violoncelo e Orquestra, em Si menor, op. 104

COMPOSIÇÃO: 1894-1895

ESTREIA: Londres, 19 de março de 1896

DURAÇÃO: c. 40 min.

O Concerto para Violoncelo e Orquestra op. 104 foi escrito por Dvořák nos Estados Unidos da América, país onde o compositor residiu entre 1892 e 1895, tendo composto e dirigido algumas das suas obras mais conhecidas como a Sinfonia n.º 9, *Do Novo Mundo*. A mecenas que o apresentou ao meio musical americano foi Jeannette Thurber, figura central na criação do National Conservatory of Music of America, do qual Dvořák foi diretor. Essa instituição tinha como missão promover a composição e apresentação de música erudita em Nova Iorque. A ideia de escrever um concerto para violoncelo fazia parte dos planos de Dvořák desde os tempos de estudante, como o evidenciam os esboços de uma obra desse género datados de 1865. Contudo, o compositor esperou até à consolidação da sua carreira e à obtenção de alguma estabilidade financeira. Dedicado ao virtuoso checo Hanuš Wihan, o Concerto para Violoncelo op. 104 revela uma grande proximidade entre compositor e instrumentista, uma vez que Wihan acompanhou o processo de escrita e desempenhou um papel importante como consultor das possibilidades do seu instrumento. Contudo, foi o violoncelista

inglês Leo Stern o solista na estreia em Londres, em 1896. Apesar de escrito nos E.U.A., o melodismo de sabor modal do Concerto op. 104 coloca-o na Europa Central. A obra começa com um andamento em forma sonata de cariz rapsódico, em que uma grande quantidade de melodias circula pelos vários naipes da orquestra. Os clarinetes apresentam o primeiro grupo temático, de carácter afirmativo. Posteriormente, o segundo grupo temático é apresentado pelas trompas. De acordo com as normas da época, os temas são seguidamente expostos pelo solista. A secção de desenvolvimento consiste na variação e elaboração sobre esses temas, destacando o violoncelo. Os temas são reexpostos no final. O *Adagio* contrapõe-se ao carácter do violoncelo enquanto voz que emerge e submerge com a orquestra, tornando-o o centro das atenções. Um sabor centro-europeu perpassa o andamento através da citação de uma nostálgica melodia tradicional checa. O concerto termina com um rondó-sonata com temas em textura de marcha e de dança rústica, chegando a retomar um tema do primeiro andamento. No final destaca-se uma longa e virtuosística coda que evidencia as capacidades do solista.

JOÃO SILVA

Magnus Lindberg

Helsínquia, 27 de junho de 1958

Triunfo de existir...

COMPOSIÇÃO: 2018

ESTREIA: Londres, 10 de novembro de 2018

DURAÇÃO: c. 27 min.

Magnus Lindberg é um finlandês de expressão sueca. Foi membro fundador da associação de jovens compositores Korvat auki! (Orelhas abertas!) que, nos anos 1970 e 1980, considerou que a vida da música nacional se encontrava nas mãos de conservadores e, por isso, estagnada. À semelhança dos poetas modernistas (incluindo Edith Södergran) do início do século XX, queria abrir as portas ao mundo e a novos impulsos. Lindberg completou os seus estudos em Itália (Donatoni) e Paris (Globokar, Ircam) e mais tarde trabalhou em Berlim e Amesterdão, vivendo atualmente, desde há alguns anos, no Algarve. Foi compositor em residência na Orquestra

Filarmónica de Nova Iorque, na Philharmonia Orchestra e na Filarmónica de Londres. Lindberg proclamou que o seu instrumento preferido é a orquestra. Tinha 27 anos quando atraiu a atenção internacional com *Kraft* para orquestra, sete solistas e eletrónica. Mais tarde, esta obra radical abriu caminho para uma escrita orquestral mais sofisticada em composições como *Aura* (1994), *Feria* (1997) e *Sculpture* (2005). A expressão de Lindberg é baseada no ritmo e na harmonia. A melodia não o interessou, o que explica a raridade da música vocal na sua produção. Sem contar com algumas curtas experiências iniciais com voz, as suas únicas obras vocais maduras são *Graffiti* (2009) para coro e orquestra, e *Accused* (2014) para soprano e orquestra. Agora, chegou o momento de continuar a explorar a voz humana em contexto sinfónico. A estreia absoluta de *Triumf att finnas till...* (“Triunfo de existir...”) esteve

ligada às comemorações do fim da Primeira Grande Guerra, em Londres, em novembro de 2018. O compositor escolheu poemas de uma escritora que esteve criativamente mais ativa durante os anos da guerra, mas em vez de procurar um texto acerca dos horrores da guerra, encontrou nos escritos de Edith Södergran (1892-1923) poemas plenos de otimismo e alegria de viver, perspetivando o futuro. Ela estava interessada na essência da vida, estudou Nietzsche e afirmou-se como a primeira poetisa modernista na Finlândia. Lindberg escolheu seis poemas, dos quais o primeiro, *Triumf att finnas till...*, é repetido no fim. A obra é uma cantata onde o coro e a orquestra têm igual importância. A parte instrumental não ilustra as palavras, mas fornece a estrutura sonora na qual as palavras expressam o seu significado. Estilisticamente, a música de *Triumf...* surge após um longo caminho, mais de trinta anos depois de *Kraft*. Estruturas rítmicas complexas cederam lugar ao trabalho no campo harmónico. A música soa mais tonal do que atonal, mas o compositor também não trata a harmonia de uma forma tradicional. Lindberg disse que, uma vez que os instrumentos que constituem a orquestra sinfónica foram construídos para a música tonal, ele pretende respeitar este facto, embora não à maneira da colagem pós-moderna. A harmonia é funcional e um campo harmónico conduz a outro de uma forma lógica, mesmo que as regras não sejam as mesmas utilizadas nas obras dos compositores clássicos. É esta lógica harmónica que Lindberg estuda e desenvolve um pouco mais em cada nova obra.

DAVID PEILI



Edith Södergran

São Petersburgo, 4 de abril de 1892
Raivola, 24 de junho de 1923

Poeta finlandesa de expressão sueca, publicou em vida apenas quatro conjuntos de poemas: *Dikter* (“Poemas”, 1916), *Septemberlyran* (“A lira de setembro”, 1918), *Rosenaltaret* (“O altar das rosas”, 1919) e *Framtidens skugga* (“A sombra do futuro”, 1920). A sua obra poética é completada pelo volume póstumo *Landet som icke är* (“O país que não existe”, 1925). Bebeu do simbolismo francês, do expressionismo alemão e do futurismo russo, tendo sido um dos primeiros poetas a aplicar o modernismo à poesia de expressão sueca. Vítima precoce da tuberculose (com apenas 31 anos), não viria a gozar do reconhecimento e do renome que a sua poesia iria ter no mundo. Södergran influenciou a imagética, o ritmo e o estilo de livre associação presentes na poesia moderna e na música popular em língua sueca de ambos os lados da fronteira (Finlândia e Suécia). Ela é, ainda hoje, a mais conhecida internacionalmente entre os poetas finlandeses.

Magnus Lindberg

Triumf att finnas till... / Triunfo de existir...

Poemas de Edith Södergran
TRADUÇÃO DO SUECO: Luciano Dutra
(REVISÃO LINGÜÍSTICA: Michelle Malheiro do Vale Hapetian)

Triumf att finnas till...

Septemberlyran (1918)

Vad fruktar jag? Jag är en del utav oändligheten.
Jag är en del av alltets stora kraft,
en ensam värld inom miljoner världar,
en första gradens stjärna lik som slocknar sist.
Triumf att leva, triumf att andas,
triumf att finnas till!
Triumf att känna tiden iskall rinna
genom sina ådror
och höra nattens tysta flod
och stå på berget under solen.
Jag går på sol, jag står på sol,
jag vet av ingenting annat än sol.

Tid — förvandlerska, tid — förstörerska,
tid — förtrollerska,
kommer du med nya ränker, tusen lister
för att bjuda mig en tillvaro
som ett litet frö, som en ringlad orm,
som en klippa mitt i havet?
Tid — du mörderska — vik ifrån mig!
Solen fyller upp mitt bröst med ljuvlig
honung upp till randen
och hon säger: en gång slockna alla stjärnor,
men de lysa alltid utan skräck.

Landskap i solnedgång

Septemberlyran (1918)

Se i solnedgången
simmande eldöar tåga
imperialt över gräddgröna hav.
Öar i brand! Öar som facklor!
Öar i segertåg!
Upp ur djupen blixtrar svart en skog
dolskt, avundsjukt — hänryckt, radande sig,
triumf till triumf...
Arma strimmar skog i bleka töcken
gripas, upphöjas — förena sig till majestät.

Triunfo de existir...

A lira de setembro (1918)

De que tenho medo? Eu, que tenho parte
com o infinito.
Eu, que tenho parte com a força ingente da
totalidade, mundo só, entre milhões de mundos,
como estrela de primeira grandeza que afinal
se apaga.
O triunfo de viver, o triunfo de respirar,
o triunfo de existir!
O triunfo de sentir o tempo gélido a escorrer
nas artérias,
de ouvir a enxurrada silenciosa do tempo
e de pisar a montanha sob o Sol.
Caminho no Sol, piso o Sol,
não sei de mais nada além do Sol.

Tempo — transformador, tempo — destruidor,
tempo — encantador,
vens carregado de novas tramas, mil artimanhas,
para me propor outra existência
como sementinha, cobra enroscada, atol em pleno
oceano?
Tempo — tu, assassino — afasta-te de mim!
O Sol enche o meu peito de um doce mel até
transbordar e diz-me:
“Um dia, todas as estrelas hão de se apagar, mesmo
assim elas brilham sempre sem medo.”

Paisagem no ocaso

A lira de setembro (1918)

Vislumbra no ocaso ilhas de fogo
andantes que marcham
imperiais pelo oceano verde musgo.
Ilhas em chamas! Ilhas feitas tochas!
Ilhas num cortejo triunfal!
Das profundezas corisca negra uma floresta
insidiosa, ínvada — enfeitada, entra em
formação, de triunfo em triunfo...
Exíguas faixas de florestas na pálida cerração
são tomadas, elevam-se — fundem-se em majestade.

Gloria! Seger!

Knäböjen, lejonvidunder,
i världens skumma hörn.
Dagen går tronande till ända...
Ljusets trådar klippa osynliga händer av.

Triumf att leva, triumf att andas,
triumf att finnas till!

Vanvettets virvel

Septemberlyran (1918)

Akta din båt för övermänskliga strömdrag,
vanvettets virvelstup —
akta din båt för falllets jublande vågor,
de slå sönder.
Akta dig — här gäller icke mera du —
liv och död äro ett för kraftens frenetiska fröjd,
här finnes intet ”långsamt”, ”försiktigt”, ”försök”.
Starkare händer fatta i flykten din åra.
Där står du själv, en hjälte med omfött blod.
Hänryckt i lugnet, ett fröjdebål på speglade is,
som vore dödens bud icke skrivet för dig:
saliga vågor föra din köl framåt.

Planeterna

Framtidens skugga (1920)

Vilda jord som rullar framåt i brännande,
skärande rymd,
säll att luften smattrar mot din kind,
säll att farten vänder om dig.
Planeterna vilja ingenting annat än snabbheten
uti sin färd.
Världsalltets stränder blinka som frågor.
Snabbare, raskare, obarmhärtigare,
vältrande sig i underbara öden,
rullar planeternas oräkneliga skara förbi
mot ett ljust sken i väster —
möjlighetens enda utstakade väg.

Glória! Vitória!

De joelhos, leão espantoso,
numa quina sombria do mundo.
O dia segue soberbo rumo ao fim...
Mãos invisíveis cortam os fios de luz.

O triunfo de viver, o triunfo de respirar, o triunfo
de existir!

Redemoinho da demência

A lira de setembro (1918)

Protege o teu barco da correnteza sobre-humana,
da voragem do redemoinho da demência —
protege o teu barco das ondas jubilosas da queda,
elas destroçam.
Protege-te — aqui já não se trata mais de ti —
vida e morte são uma coisa só diante da volúpia
frenética da força,
aqui não há nada de “lentidão”, “cautela”, “tentativa”.
Mãos mais possantes arrastam na fuga o teu remo.
Ali estás tu, herói de sangue redivivo.
Tomada pela quietude, uma fogueira faustosa no
espelho de gelo,
como se os termos da morte não se aplicassem a ti:
venturosas vagas movem avante a tua quilha.

Os planetas

A sombra do futuro (1920)

Terra bravia que avança no espaço ardente, cortante,
ditosa de que o ar bata contra a tua bochecha,
ditosa de que a jornada seja tua.
Os planetas não aspiram a nada além de velocidade
na sua trajetória.
As praias de todo o universo obscurecem-se quais
perguntas.
Mais rápido, mais enérgico, mais implacável,
girando num deserto fantástico,
o contingente inumerável dos planetas avança
rumo a um clarão refulgente no oeste —
único trajeto determinado pela possibilidade.

Revanche

Septemberlyran (1918)

Skall det icke lyckas mig att störta
tornet uti verklighetens stad,
vill jag sjunga stjärnorna från himlen
såsom ännu ingen gjort.
Jag skall sjunga att min längtan stannar,
hon som ännu aldrig hållit rast,
att hon skjuter lyran bort ifrån sig
som om vore sångens uppgift löst.

Ljusfälten

Septemberlyran (1918)

Jag har krafter. Jag fruktar ingenting.
Ljus är himlen för mig.
Går världen under —
jag går icke under.
Mina ljusa horisonter stå
över jordens stormande natt.
Träden fram ur det gåtfulla ljusfält!
Oböjlig väntar min kraft.

Jag har krafter. Jag fruktar ingenting.
Ljus är himlen för mig.

Framtidens tåg

Septemberlyran (1918)

Riven ner alla äreportar —
äreportarna äro för låga.
Plats för våra fantastiska tåg!
Tung är framtiden — byggen bryggorna
åt den gränslösa.
Jättar, bären stenar från världens ändar!
Demoner, hållen olja under kittlarna!
Vidunder, mät ut mätten med din stjärn!
Resen er i himlarna, heroiska gestalter,
ödesdigra händer — begynnen edert verk.
Bryten ett stycke ur himmelen. Glöd gat.
Vi skola rivas och slåss.
Vi skola kämpa om framtidens manna.
Resen er, häroller,
underligt synliga redan ur fjärran,
dagen behöver ert hanegäll.

Vad fruktar jag?
Jag är en del utav oändligheten [...] —
reprise of 'Triumf att finnas till...'

Revanche

A lira de setembro (1918)

Não hei de conseguir destruir
a torre na cidade da realidade,
quero cantar as estrelas no céu
como ninguém jamais cantou.
Hei de cantar que o meu anelo persevera,
pese que ainda não se cumpriu,
que ele afasta de si a sua lira como fosse
o nosso canto dispensado da sua missão.

Campo de luz

A lira de setembro (1918)

Tenho poderes. Nada temo.
A luz é-me céu.
O mundo derriba —
eu não derribo.
Os meus horizontes claros erguem-se
para além da noite tempestuosa da terra.
As árvores desse enigmático campo de luz!
Inflexível, o meu poder aguarda-me.

Tenho poderes. Nada temo.
A luz é-me céu.

O cortejo do futuro

A lira de setembro (1918)

Derrubem todos os portais decorativos —
os portais decorativos são baixos de mais.
Abram alas para o nosso cortejo fantástico!
O futuro é grave — construam as pontes
para o infinito.
Gigantes, tragam pedras dos extremos do mundo!
Demónios, lancem querosene nas fornalhas!
Monstros, batam-se com as vossas caudas!
A viagem é no firmamento, criaturas heroicas,
mãos momentosas — desatam as vossas proezas.
Rompam um pedaço do céu. Incandescente.
Hemos de pelear e lutar.
Hemos de lutar pelo futuro dos homens.
O gigante, ó arautos,
é estranhamente visível desde longe,
o dia necessita do vosso canto do galo.

De que tenho medo?
Eu, que tenho parte com o infinito [...] —
repetição de "Triunfo de existir..."

Alexander Borodin

São Petersburgo, 12 de novembro de 1833
São Petersburgo, 27 de fevereiro de 1887

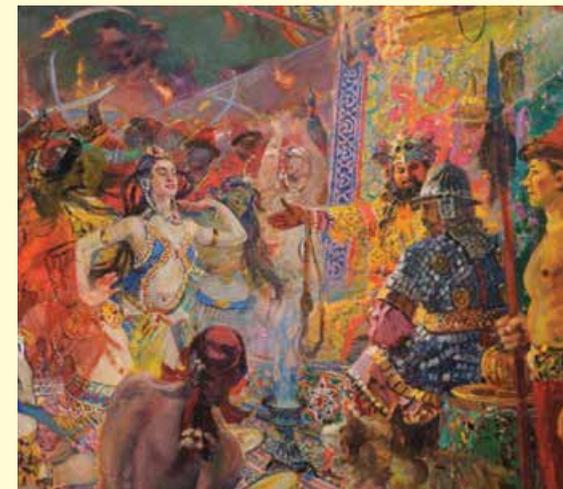
Danças Polovtsianas

COMPOSIÇÃO: 1869-1887 / 1890

ESTREIA: São Petersburgo, 4 de novembro de 1890

DURAÇÃO: c. 12 min.

A associação do Romantismo russo à música instrumental e ao bailado é quase imediata. Contudo, a ópera também foi um gênero importante na época, afirmando-se central para o estabelecimento de uma expressão musical localista e em língua russa. Muitas dessas obras retiraram a inspiração do maravilhoso e da literatura tradicional. Outras, de romances ou poemas contemporâneos. *O Príncipe Igor* coloca em palco o poema medieval *Conto da campanha de Igor*, um épico eslavo descoberto no final do século XVIII. O enredo baseia-se em factos históricos, a campanha falhada do Príncipe Igor Svyatoslavich contra os cumanos, também conhecidos como polovtsianos, uma tribo nómada que habitava na região do Rio Don. Considerada uma das grandes obras de Borodin, o argumento foi inspirado pelo crítico Vladimir Stasov, promotor do ideário nacionalista na Rússia romântica. Borodin trabalhou nesse projeto entre 1869 e 1870 e de 1874 a 1887. Contudo, a ópera permaneceu inacabada à data da sua morte. Os compositores Rimsky-Korsakov e Glazunov basearam-se nos esboços deixados por Borodin para criarem uma narrativa completa, que foi estreada no Teatro Mariinski em 1890. Além de completarem e orquestrarem parcialmente a ópera, Rimsky-Korsakov e Glazunov organizaram alguns elementos, como as *Danças Polovtsianas*. Transformaram-nas numa peça de concerto em estilo de rapsódia que sobrevive em duas versões, coral-orquestral ou apenas orquestral. Na ópera, a cena



DANÇAS POLOVTSIANAS, POR ALEXANDER GERASIMOV, 1955 © DR

representa o exotismo dos povos asiáticos que Igor combatia. Uma introdução de sabor modal, protagonizada pelos instrumentos de sopro, cede lugar ao encantatório tema apresentado por vozes femininas, sublinhadas pelo oboé. Segue-se a rusticidade primitivista de uma dança masculina e a adição de camadas orquestrais em jogos de pergunta-resposta. Um número repetitivo de conjunto e com grande intensidade é apresentado, preparando uma atmosfera de dança animada em que pontificam as intervenções das vozes masculinas, pontuadas por diversos instrumentos. A partir daí, as danças são novamente apresentadas, de forma sobreposta e com uma orquestração diferente, até se atingir o clímax. O colorido orquestral, a rusticidade e o exotismo fundem-se numa obra cuja história atribulada não permitia antever o seu sucesso nas salas de concerto.

JOÃO SILVA

Alexander Borodin

O Príncipe Igor

Danças Polovtsianas, com coro

Невольницы

Улетай на крыльях ветра
Ты в край родной, родная песня наша,
Туда, где мы тебя свободно пели,
Где было так привольно нам с тобою.
Там, под знойным небом,
Негой воздух полон,
Там под говор моря
Дремлют горы в облаках;
Там так ярко солнце светит,
Родные горы светом заливая,
В долинах пышно розы расцветают,
И соловьи поют в лесах зеленых,
И сладкий виноград растет.
Там тебе привольней, песня,
Ты туда и улетай.

Половцы

Пойте песни славы хану! Пой!
Славьте силу, дочесть хана! Славы!
Славен хан! Хан!
Славен он, хан наш!
Блеском славы
Солнцу равен хан!
Нету равных славой хану!
Нет!
Чаги хана славят хана.
Хана своего.

Пойте песни славы хану! Пой!
Славьте щедрость, славьте милость!
Славы!
Для врагов хан грозен, он, хан наш!
Кто же славой равен хану, кто?
Блеском славы солнцу равен он!

Славой дедам равен хан наш.
Хан, хан, Кончак!
Славой дедам равен он!
Грозный хан, хан Кончак.
Славен хан, хан Кончак!

As escravas

Voa, canção, sobre as asas do vento
para a terra natal, nossa querida canção.
lá te cantávamos livremente,
lá vivíamos tão felizes contigo.
Lá, debaixo do céu ardente,
o ar está cheio de doçura,
embaladas com o canto do mar,
dormem as montanhas envoltas nas nuvens.
Lá o sol é resplandecente,
iluminando as nossas queridas colinas;
onde esplêndidas rosas florescem nos vales,
e os rouxinóis cantam nos bosques verdes,
e as uvas doces amadurecem.
Lá, nossa canção, sentes-te em casa,
Voa para lá.

Os polovtsianos

Cantemos a glória do nosso khan! Cantemos!
Glória à força e à honra do khan! Glória!
Glorioso khan! Viva o khan!
Seja glorioso o nosso khan!
Igual ao sol
é a glória do khan!
Não há glória igual à do nosso khan!
Não há!
Cantem, escravas, a glória do khan!
O seu khan!

Cantemos à glória do khan! Cantemos!
Glória à sua generosidade e à sua misericórdia!
Glória!
É temido pelos inimigos o nosso khan, o nosso khan!
Quem pode igualar a glória do nosso khan, quem?
A glória do khan é igual ao brilho do sol!

Igual na sua glória dos antepassados é o nosso khan!
Khan, khan, Kontchak!
Igual na glória dos antepassados, oh!
Temido khan, khan Kontchak!
Glorioso khan, khan Kontchak.

Невольницы и невольники

Улетай на крыльях ветра
Ты в край родной,
Родная песня наша,
Туда, где мы тебя свободно пели,
Где было так привольно нам с тобою,
В край тот, где под знойным небом
Негой воздух полон.
Где под говор моря
Дремлют горы в облаках.
Там так ярко солнце светит,
Родные горы светом озаряя,
В долинах пышно розы расцветают
И соловьи поют в лесах зеленых,
И сладкий виноград растет.
Там тебе привольней, песня,
Ты туда и улетай.

Половцы

Славой дедам равен хан наш,
Хан, хан, Кончак!
Славой дедам равен он,
Грозный хан, хан Кончак!
Славен хан, хан Кончак!

Пляской вашей тешьте хана!
Пляской тешьте хана, чаги,
Хана своего.
Пляской тешьте хана, чаги,
Хана своего.
Пляской вашей тешьте хана!
Пляской тешьте!
Наш хан Кончак!

Escravos e escravas

Voa, canção, sobre as asas do vento
para a terra natal, a nossa querida canção.
lá te cantávamos livremente,
lá vivíamos tão felizes contigo.
Lá, debaixo do céu ardente,
o ar está cheio de doçura,
embaladas com o canto do mar,
dormem as montanhas envoltas nas nuvens.
Lá o sol é resplandecente,
iluminando as nossas queridas colinas;
onde esplêndidas rosas florescem nos vales,
e os rouxinóis cantam nos bosques verdes,
e as uvas doces amadurecem.
Lá, nossa canção, sentes-te em casa,
Voa para lá.

Os polovtsianos

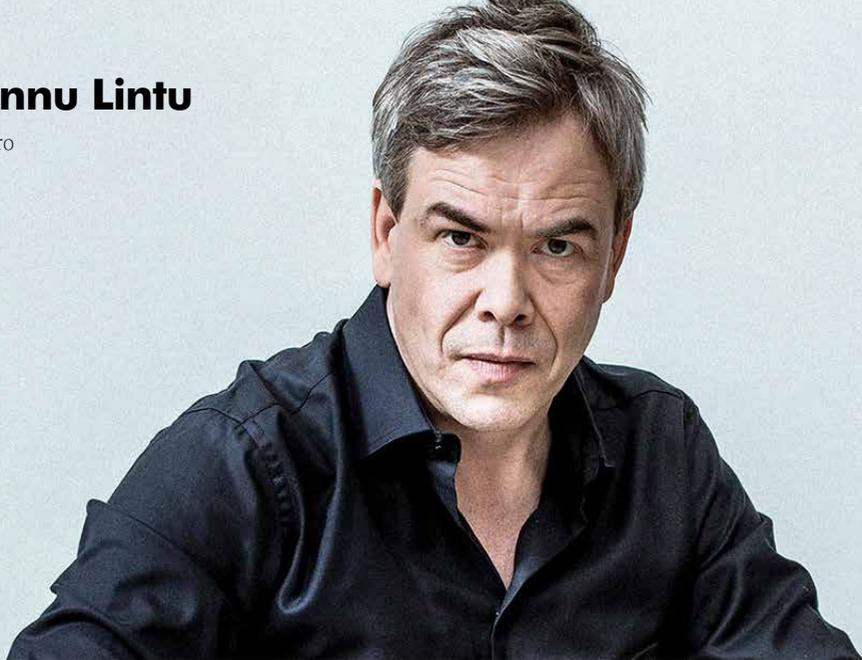
Igual na sua glória dos antepassados é o nosso khan!
Khan, khan, Kontchak!
Igual na glória dos antepassados, oh!
Temido khan, khan Kontchak!
Glorioso khan, khan Kontchak.

Com a vossa dança agradem ao khan!
Agradem, escravas, ao vosso khan!
Ao vosso khan!
Com a vossa dança agradem ao khan!
Ao vosso khan!
Com a vossa dança agradem ao khan!
Agradem com a dança!
O nosso khan, Kontchak!

TRADUÇÃO: Linguagemundi

Hannu Lintu

Maestro



© VEIKKO KÄHKÖNEN

Hannu Lintu nasceu em Rauma, na Finlândia. Estudou violoncelo e piano na Academia Sibelius, em Helsínquia, instituição onde mais tarde se formou em direção de orquestra com Jorma Panula. Estudou também com o maestro Myung-Whun Chung na Accademia Musicale Chigiana, em Siena. Em 1994 venceu o Concurso Nórdico de Direção, em Bergen.

Na temporada 2018-2019, Hannu Lintu cumpre a sexto ano como Maestro Principal da Orquestra Sinfônica da Rádio Finlandesa, destacando-se a interpretação integral das sinfonias de Mahler e as estreias finlandesas da versão de concerto da ópera *Die Soldaten*, de B. A. Zimmermann, e da Sinfonia n.º 2 de Thomas Larcher, para além de concertos com prestigiados solistas como Yuja Wang, Evgeny Kissin ou Stephen Hough. Outros destaques incluem a direção das Sinfônicas de Baltimore, St Louis e Cincinnati, da Nova Filarmônica Japonesa, da Sinfônica de Singapura e da NDR Elbphilharmonie Orchester. Estreia-se à frente da Sinfônica de Boston e da Filarmônica Nacional Húngara. Apresenta-se pela terceira vez no Grande Auditório Gulbenkian, tendo em 2018 dirigido

a Orquestra Gulbenkian (janeiro e maio) e o pianista Daniil Trifonov. Outros compromissos recentes incluíram a Metropolitana de Tóquio, as Sinfônicas de Dallas e Detroit e a sua estreia à frente da Orquestra de Paris. Em 2017, Hannu Lintu dirigiu a ópera *Kullervo*, de Aulis Sallinen, no âmbito das celebrações do centenário da independência da Finlândia. Em 2018 regressou ao Festival de Ópera de Savonlinna para dirigir *Otello* de Verdi. Outros projetos recentes neste domínio, nomeadamente com a Ópera Nacional Finlandesa, incluem *King Lear* de Sallinen, *Carmen* de Bizet, *Parsifal* e *Tristão e Isolda* de Wagner. Trabalhou também com a Ópera de Tampere e a Ópera Nacional da Estónia. Hannu Lintu realizou gravações para as editoras Ondine, Bis, Naxos, Avie e Hyperion, tendo recebido vários prémios. Em 2011 foi nomeado para um *Grammy* na categoria de “Melhor CD de Ópera”. Foi também nomeado para os prémios *Gramophone* pelas gravações da Sinfonia n.º 2 de Enescu, com a Filarmônica de Tampere, e dos Concertos para Violino de Sibelius e de Thomas Adès, com Augustin Hadelich e a Royal Liverpool Philharmonic Orchestra.

Gautier Capuçon

Violoncelo

Natural de Chambéry, o violoncelista francês Gautier Capuçon estudou com Philippe Muller e Annie Cochet-Zakine no Conservatório Nacional Superior de Paris, e com Heinrich Schiff em Viena. Verdadeiro embaixador do violoncelo no século XXI, é o fundador e titular da *Classe d'Excellence de Violoncelle* da Fundação Louis Vuitton, em Paris. A sua musicalidade profundamente expressiva e o seu exuberante virtuosismo são reconhecidos internacionalmente, bem como a sonoridade única do seu violoncelo Matteo Goffriller de 1701. Para além do regresso à Fundação Gulbenkian, onde tocou em abril de 2017, sob a direção de P. McCreech, na presente temporada colabora com, entre outras orquestras, as Filarmônicas de Nova Iorque, Los Angeles, Munique e da República Checa, as Sinfônicas de Chicago, NHK de Tóquio e de Sidney e a Orquestra de Paris. No domínio da música de câmara, cumpre uma extensa digressão europeia, com Lisa Batiashvili e Jean-Yves Thibaudet, e apresenta-se em recital no Carnegie Hall, no Walt Disney Hall e no Festival d'Aix-en-Provence, entre outros palcos.

Ao longo da sua carreira, Gautier Capuçon desenvolveu fortes ligações com muitas das principais orquestras mundiais, sob a direção de prestigiados maestros como L. Bringuier, S. Bychkov, G. Dudamel, C. Dutoit, C. Eschenbach, V. Gergiev ou Y. Nézet-Séguin. Colabora também com os compositores, incluindo L. Auerbach, K. Beffa, E. Benzecry, N. Campogrande, Q. Chen, J. Ducros, H. Dutilleux, P. Manoury, B. Mantovani, K. Penderecki, W. Rihm e J. Widmann. Apresenta-se regularmente em recital, em parceria com Nicholas Angelich, Martha Argerich, Daniel Barenboim, Renaud Capuçon, Jérôme Ducros, Katia e Marielle Labèque, Menahem Pressler ou os quartetos Artemis e Ébène. Gautier Capuçon grava em exclusivo para a Erato (Warner Classics), tendo recebido vários prémios discográficos. Em 2018 foi lançado o álbum *Intuition*, preenchido com curtas peças para violoncelo com piano ou com orquestra. Em 2019 surge o seu último trabalho neste domínio, um disco dedicado a obras de Schumann, em colaboração com a Orquestra de Câmara da Europa, Bernard Haitink e Martha Argerich.



© SÉBASTIEN MÉTÉNER, FOUNTAINHEAD

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores, podendo atuar também em grupos vocais mais reduzidos. Assim, apresenta-se tanto como grupo a *cappella*, interpretando a polifonia dos séculos XVI e XVII, como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras do repertório clássico, romântico ou contemporâneo. Na música do século XX tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras contemporâneas de compositores portugueses e estrangeiros. Tem sido igualmente convidado pelas mais prestigiadas orquestras mundiais, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmonia de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon, a Orquestra de Paris, ou a Orquestra Juvenil Gustav Mahler. Foi dirigido por grandes figuras como Claudio Abbado, Colin Davis, Frans Brüggen, Franz Welsch-Möst, Gerd Albrecht,

Gustavo Dudamel, Jonathan Nott, Michael Gielen, Michael Tilson Thomas, Rafael Fröhe de Burgos, René Jacobs, Theodor Guschlbauer, ou Esa-Pekka Salonen, entre muitos outros. O Coro Gulbenkian tem participado em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. Em 2015 participou, em Paris, no concerto comemorativo do Centenário do Genocídio Arménio, com a World Armenian Orchestra dirigida por Alain Altinoglu. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Desde 1969, Michel Corboz é o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. A função de Maestro Adjunto é desempenhada pelo maestro Jorge Matta.

CORO GULBENKIAN © GM-MÁRCIA LESSA



Michel Corboz Maestro Titular
Jorge Matta Maestro Adjunto

SOPRANOS

Ana Bela Covão
Ana Raquel Sousa
Ariana Russo
Beatriz Ventura
Carla Frias
Cecília Rodrigues*
Claire Santos
Clara Coelho
Filipa Passos
Inês Lopes*
Joana Siqueira
Lucília de Jesus
Maria José Conceição
Mariana Moldão
Mariana Rodrigues
Mónica Santos
Natasa Sibalic
Rosa Caldeira
Rosário Azevedo
Sara Afonso
Tânia Viegas
Teresa Duarte
Verónica Silva

CONTRALTOS

Ana Urbano
Beatriz Cebola
Catarina Saraiva
Elsa Gomes
Fátima Nunes*
Inês Martins
Joana Esteves
Joana Nascimento*
Lucinda Gerhardt
Mafalda Borges Coelho
Manon Marques
Margarida Simas
Maria do Carmo Coutinho
Marta Queirós
Marta Ribeiro
Michelle Rollin

Patrícia Mendes
Rita Tavares
Tânia Valente

TENORES

Aníbal Coutinho
António Gonçalves
Bruno Sales
Diogo Pombo
Francisco Cortes
Frederico Projecto
Gerson Coelho*
Jaime Bacharel
João Barros
João Branco
João Pedro Afonso
Jorge Leiria
Manuel Gamito
Miguel Silva
Pedro Miguel
Pedro Rodrigues
Rodrigo Carreto
Rui Aleixo
Rui Miranda
Sérgio Fontão

BAIXOS

Fernando Gomes
Filipe Leal
Francisco Reis
João Costa
João Fatela
João Luís Ferreira
Jorge Ramos
José Bruto da Costa
José Damas
Luís Neiva
Luís Pereira
Mário Almeida
Miguel Jesus
Nuno Gonçalo Fonseca
Nuno Rodrigues

Pedro Casanova*
Rui Borrás
Rui Gonçalo
Tiago Batista

* Coralistas solistas (Magnus Lindberg)

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Fátima Pinho
Marta Andrade
Joaquina Santos
Fábio Cachão

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é Maestro Convidado Principal, Leonardo García Alarcón é Maestro Associado e Nuno Coelho é Maestro Convidado.

© GW/MÁRCIA LIESSA



Lorenzo Viotti Maestro Titular
Giancarlo Guerrero Maestro Convidado Principal
Leonardo García Alarcón Maestro Associado
Nuno Coelho Maestro Convidado

PRIMEIROS VIOLINOS
Maaria Leino *Concertino Principal**
Francisco Lima Santos
1º Concertino Auxiliar
Bin Chao *2º Concertino Auxiliar*
António José Miranda
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnnon
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Otto Pereira
Tamila Kharambura *
Mafalda Rodrigues *
Tomás Costa *
Anna Paliwoda *

SEGUNDOS VIOLINOS
Alexandra Mendes *1º Solista*
Jordi Rodriguez *1º Solista*
Cecília Branco *2º Solista*
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Maria José Laginha
David Ascensão *
Miguel Simões *
Flávia Marques *
Félix Duarte *
Mafalda Vilan Pires *

VIOLAS
Samuel Barsegian *1º Solista*
Lu Zheng *1º Solista*
Isabel Pimentel *2º Solista*
Patrick Eisinger
Leonor Braga Santos
Christopher Hooley
Maia Kouznetsova
Leonor Fleming *
Nuno Soares *
Chiara Antico *
Paul Tulloch *

VIOLONCELOS
Varoujan Bartikian *1º Solista*
Marco Pereira *1º Solista*
Martin Henneken *2º Solista*
Levon Mouradian
Jeremy Lake
Raquel Reis
Fernando Costa *
Lara Ariznabarreta *

CONTRABAIXOS
Pedro Vares de Azevedo *1º Solista*
Domingos Ribeiro *1º Solista*
Manuel Rego *2º Solista*
Marine Triolet
Maja Plüddemann
Romeu Santos *

FLAUTAS
Cristina Ánchel *1º Solista Auxiliar*
Amália Tortajada *1º Solista Auxiliar*
Ana Filipa Lima *2º Solista**
Ricardo Miranda Alves *2º Solista**

OBOÉS
Pedro Ribeiro *1º Solista*
Nelson Alves *1º Solista Auxiliar*
Alice Caplow-Sparks *2º Solista*
Corne inglês

CLARINETES
Esther Georgie *1º Solista*
Ricardo Alves *1º Solista**
Iva Barbosa *1º Solista Auxiliar*
José María Mosqueda *2º Solista*
Clarinete baixo

FAGOTES
Ricardo Ramos *1º Solista*
Vera Dias *1º Solista Auxiliar*
Raquel Saraiva *2º Solista*

TROMPAS
Gabriele Amarù *1º Solista*

Kenneth Best *1º Solista*
Alexandre Pereira *1º Solista**
Eric Murphy *2º Solista*
Darcy Edmundson-Andrade *2º Solista*

TROMPETES
Adrian Martinez *1º Solista*
David Burt *2º Solista*

TROMBONES
Sérgio Miñana *1º Solista*
Rui Fernandes *2º Solista*
Pedro Canhoto *2º Solista*
Tiago Noites *2º Solista**

TUBA
Amílcar Gameiro *1º Solista*

TIMBALES
Rui Sul Gomes *1º Solista*

PERCUSSÃO
Abel Cardoso *2º Solista*
Maria de Fátima Pinto *2º Solista**
Renato Peneda *2º Solista**
Duarte Santos *2º Solista**
José Vitorino *2º Solista**

HARPA
Carolina Coimbra *1º Solista**

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO
António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO
Américo Martins, Marta Andrade,
Raquel Serra, Guilherme Baptista,
Fábio Cachão

10 fevereiro

Portas Abertas

 GULBENKIAN
MÚSICA

Rising Stars

Entrada Gratuita

GULBENKIAN.PT

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRAS

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

MECENAS
CÍCLO PIANO

MECENAS
CORDO GULBENKIAN

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA

THE
NAVIGATOR
COMPANY

VIA
VIEIRA DE ALMEIDA

SANTA
CASA

pwc

BMW

BPI

O MELHOR BANCO EM PORTUGAL.

O BPI foi eleito “O Melhor Banco em Portugal” pelo Euromoney Awards for Excellence Country 2018.

A revista Euromoney atribuiu ao BPI o prémio Melhor Banco em Portugal em 2018, no âmbito da iniciativa “Euromoney Awards”. Esta classificação resulta da combinação de critérios quantitativos e qualitativos como a rentabilidade, crescimento, eficiência, qualidade, capacidade de inovação e compromisso social.

O vencedor deste prémio é selecionado pela equipa de editores, jornalistas e analistas da revista Euromoney, uma das mais conceituadas referências editoriais do setor financeiro a nível internacional.

O BPI exprime o seu orgulho por esta distinção e dedica-a especialmente a todos os seus Clientes.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Grupo  CaixaBank

Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

TIRAGEM
800 exemplares

PREÇO
2€

Lisboa, Janeiro 2019

